

**A construção do Rei através da Narrativa: A imagem de D. Fernando na Crônica de
Fernão Lopes**

Lukas Gabriel Grzybowski*

Resumo: Este texto pretende analisar o perfil de monarca que o cronista Fernão Lopes constrói do rei português D. Fernando, que reinou em Portugal, entre 1367 e 1383. Foi um período de grande agitação no reino português, que o cronista Fernão Lopes contrapõe ao período do reinado de D. Pedro I, pai de D. Fernando. O rei D. Fernando morre em 1383 sem deixar herdeiros homens para assumirem o trono. Fernão Lopes se baseará nestes eventos para traçar o perfil do monarca D. Fernando, partindo, entretanto, de sua realidade, setenta anos após o reinado de D. Fernando, para criar suas verdades a respeito daquele monarca.

Palavras-chave: Crônicas de Fernão Lopes; D. Fernando de Portugal; Baixa Idade Média Portuguesa

Abstract: In this article we pretend to analyze how the medieval historian Fernão Lopes creates an image about king D. Fernando from Portugal (1367-1383). It was a period of great agitation in the Portuguese kingdom, which the historian opposes to the previous period, of king D. Pedro I. D. Fernando dies in 1383 letting the kingdom without an heir to assume the throne. Fernão Lopes will base on these events to draw the monarch's D. Fernando profile, taking into account, meantime, your own reality, seventy years after the reign of D. Fernando, to create the true about that kings actions.

Keywords: Fernão Lopes's Chronicles; D. Fernando of Portugal; Portuguese Low Middle Ages

D. Duarte reinou em Portugal durante a década de 1430. Foi um reinado curto e marcado pela tragédia, de Tanager e da Peste, que viria a vitimar inclusive o próprio rei. O Rei Filósofo, epíteto com o qual é referido pela historiografia portuguesa, ganhou tal epíteto pela vasta obra que compôs, merecendo destaque o Leal Conselheiro, o Livro da Cartuxa e o Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela. Sua atuação política é vista pela historiografia como bem sucedida, uma vez que conseguiu manter o equilíbrio entre os diversos grupos que disputavam privilégios nas relações com a coroa. Entretanto o fim de seu reinado não se pode chamar de um sucesso, pois como seu sucessor, D. Afonso é ainda uma criança, inicia-se um turbulento período de regência, que culminou na batalha de Alfarrobeira em 1449.

É neste complicado contexto que se dará a redação das crônicas dos reis de Portugal de Fernão Lopes. As três crônicas, de D. Pedro I, de D. Fernando e de D. João I, serão compostas sob encomenda da casa régia. É D. Duarte que encomenda ao guarda-mor da Torre

* Mestrando no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, com auxílio da CAPES.

do Tombo, Fernão Lopes, que se escrevam histórias dos grandes feitos dos reis portugueses. Era para Fernão Lopes, um exercício historiográfico, no seu sentido medieval.

Sobre o autor, Fernão Lopes, pouco se sabe. Era oriundo provavelmente de uma família de mesterais, e acredita-se, tenha nascido num ambiente urbano, onde provavelmente teve contato com algum tipo de educação formal em escolas elementares e escolas ligadas à formação de algum ofício, relativamente comuns num cenário urbano na Baixa Idade Média. Cremos que Fernão Lopes se aproxime ao modelo de “Homem de Saber” de Jacques Verger.

Quem é D. Fernando?

Fernão Lopes inicia sua crônica acerca dos feitos de D. Fernando, rei de Portugal entre 1367-1383, descrevendo as habilidades e características físicas do rei. É ainda no prólogo da obra que o cronista escreve que D. Fernando, “Avia bem composto corpo e de razoada altura, fremoso em parecer e muito vistoso” (CDF: 3)¹. Entretanto ainda no prólogo da Crônica o autor indicará que em determinado momento o perfil do rei mudará. O marco dessa mudança seria o começo dos conflitos entre Portugal e Castela, ao escrever o autor “Desfalleço esto [todas as características positivas elencadas até então pelo cronista] quando começou a guerra, e nação outro mundo novo muito contrairo ao primeiro” (CDF: 3-4).

Sem dúvida a guerra pode ser utilizada como um indicador de mudança, mas ela não consiste no agente de tal mudança. No decorrer da Crônica inclusive Fernão Lopes altera, em certa medida, seu discurso acerca desta mudança de postura de D. Fernando. Centrarei minha análise, neste trabalho, na construção do perfil de D. Fernando, partindo, da descrição das características físicas do monarca, que juntamente com outros dados² apontarão para este perfil.

D. Fernando aparece-nos então como um rei formoso ao início da narrativa lopeana. Este dado aparece não somente na crônica, mas também é ressaltado pela historiografia. Ora apontando para tais características de maneira positiva, ora de maneira negativa, é visível a preocupação dos historiadores, em destacar as características físicas de D. Fernando como dado intrinsecamente ligado à sua atuação.³ Cremos que a origem de tal associação esteja na própria narrativa lopeana. No conjunto das obras de Fernão Lopes vemos que a descrição

¹ Para referirmo-nos à fonte, usaremos as abreviações CDF para a crônica de D. Fernando, e CDP para a Crônica de D. Pedro. Para a referência completa, consultar as referências bibliográficas.

² Personalidade, habilidades e atitudes do monarca. Mais adiante faremos a devida apresentação de tais conceitos.

³ MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães & Cia. 1977; AMEAL, João. *História de Portugal: das origens até 1940*. Porto: Livraria Tavares Martins. 1968; PERES, Damião. *História de Portugal*. Barcelos. Editora Portucalense, v. 2, 1929; SERRAO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: Estado Pátria e Nação (1080-1415)*. Lisboa. Editorial verbo, v. 1, 1977; SOUSA, Armindo de. *A monarquia feudal (1096-1480)*. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Lisboa. Editorial Estampa, v. 2, 1993.

física constitui um aspecto importante no contraponto entre D. Pedro I e D. Fernando. O primeiro é justo e governa bem de modo que “diziam as gentes, que taees dez annos nunca ouve em Purtugal, como estes que reinara elRei Dom Pedro” (CDP: 202). O segundo morre solitário e doente, e com sua morte se dá início a um período de grave crise. Em contraponto a estes dois monarcas há um D. João I, de Avis, que é ideal, logo não é descrito em termos físicos pelo cronista. Não é sem razão que esta relação acontece. Na leitura que se faz da Crônica é possível observar que todo o perfil de D. Fernando vai se alterando de modo a fazer eco das suas ações.

Nos deteremos então um pouco na análise do prólogo da Crônica de D. Fernando, onde se encontram os maiores comentários acerca das características físicas do rei. Há uma frase apenas neste prólogo que se dedica a detalhar, minimamente, a figura do rei, em relação ao seu físico.

A frase que completa a descrição física de D. Fernando e aponta para um dado que gostaríamos de ressaltar. Fernão Lopes apresenta os traços do monarca de maneira a criar uma imagem diretamente relacionada ao modelo de rei medieval, o *primus inter pares*. D. Fernando se destaca entre os demais que o cercavam em qualquer ocasião em virtude justamente de sua aparência dominadora. Segundo o cronista, era alto e forte. D. Fernando seria, na pena de Fernão Lopes, também jovem e formoso.⁴

A próxima vez que aparece alguma menção às características físicas do rei português no relato de Fernão Lopes será somente no capítulo 172. Neste momento D. Fernando já não aparece da mesma maneira que no prólogo da Crônica. Já não se destaca dentre os demais, fato que o próprio cronista enfatiza. O rei estava doente, definhava. Já não era mais aquele jovem vigoroso que assumira o reino dezesseis anos antes.

No entanto esta mudança tão grande que se observa no relato do cronista em relação ao monarca não se deve exclusivamente ao fato deste estar adoentado. Um pouco mais adiante no relato lopeano aparece-nos um dado importante. Refiro-me à suposta confissão de D.

⁴ As descrições de Fernão Lopes em relação ao monarca português se aproximam muito daquelas que aparecem no relato bíblico, no livro de 1 Samuel, capítulo 9, para descrever o rei Saul. Não nos aprofundamos em nossa pesquisa no sentido de traçar tal paralelo, porém fica aberta a indicação para futuras pesquisas verificarem a procedência de tal relação. Se as relações forem verdadeiras, teremos então encontrado no cronista português as características que Jacques Le Goff destaca para a produção historiográfica medieval e renascentista. Le Goff, em seu livro “História e Memória”, publicado no Brasil pela editora da Unicamp, trabalha, no capítulo dedicado à história, com os conceitos que orientavam a produção historiográfica na Idade Média e no Renascimento. Tal período, segundo o autor, foi marcado pela grande influência do cristianismo na produção histórica. Em grande parte isto se deveu ao fato da igreja, através de seus mosteiros em especial, deter o monopólio da produção histórica no período. Há muitas influências bíblicas na concepção histórica medieval, sendo que grande parte dos textos buscava inspiração, ou mesmo origens, nos textos do Antigo Testamento. (cf. LE GOFF, 2003, pp. 116-117)

Fernando em seu leito de morte. Segundo Fernão Lopes, naquele momento o rei teria dito que “Todo esso creio come fiel christaão, e creio mais que elle me deu estes Regnos pera os mamteer, em dereito e justiça; e eu por meus pecados o fiz de tal guisa, que lhe darei delles muj maaõ comto” (CDF: 475). Mais que um recurso estilístico do cronista, a utilização da primeira pessoa para narrar tal trecho confere a ele uma considerável força discursiva, além de isentar ao cronista as mediações do texto. Daí depreende-se que aquilo que Fernão Lopes quer nos fazer crer é que o próprio rei reconhece que seu reinado foi desastroso.

O rei português fora um homem comprometido com sua época. A conjuntura complicada em que assumiu o trono português é notável. D. Fernando, no entanto, busca sempre se posicionar de modo a afirmar a autonomia portuguesa frente aos interesses castelhanos. Aparentemente bem sucedido em sua tarefa durante boa parte do reinado, esta autonomia vê-se ameaçada em poucos momentos, em episódios durante as guerras luso-castelhanas. Algo, entretanto, escapa-lhe ao controle, e ao final de seu reinado a autonomia de Portugal encontra-se ameaçada e o reino português fica à mercê dos castelhanos pelo tratado de Salvaterra de Magos.

Algo entre o prólogo e o centésimo septuagésimo segundo capítulo se altera na atuação de D. Fernando. O que na atuação deste rei seria capaz de gerar tamanha mudança no seu perfil diante da percepção que ele deixará para as gerações seguintes, chegando até a influenciar a historiografia contemporânea, negativamente em relação a si? Houve uma mudança real, ou seria isso somente um recurso de Fernão Lopes para justificar a ascensão da dinastia de Avis, na figura de D. João I, sucessor de D. Fernando?

Habilidoso, D. Fernando figura como um jovem notável, segundo o cronista, possuindo as qualidades cavalleirescas de um bom rei medieval. “Era cavallgamte, e torneador, grande justador, e lamçador atavollado. Era mujto braçeiro, que nom achava homem que o mais fosse; cortava mujto com huuma espada, e remessava bem a cavallo” (CDF: 3). Fernão Lopes destaca as habilidades de D. Fernando na concepção de estratégias de guerra (CDF, caps. 29, 30, 35 e 42). Mas o cavaleiro medieval, bom estrategista, guerreiro por excelência, em determinado momento foge ao enfrentamento de seus inimigos, seja na guerra contra Castela (CDF, cap. 72), ou no enfrentamento de sua população revoltosa (CDF, cap. 61).

Quando o cronista se detém na descrição da personalidade⁵ de D. Fernando, elemento no qual Fernão Lopes se deteve mais que no caso da descrição física, ou das habilidades do monarca, essa distinção entre dois momentos fica mais patente. Nos primeiros capítulos da crônica o rei é retratado como valente, arrojado, justo, amador de seu povo (CDF: 3); o rei era “gamdioso de vontade e quereçmçoso daquello que todollos homeens naturallmente deseiam, que he acreçtamento de sua boa fama, e homrroso estado” (CDF: 77). Em contrapartida, mais adiante na Crônica vemos o monarca sendo descrito como covarde, inconstante e dependente, (CDF: 191).⁶

Fundamental notarmos neste trecho a presença de membros da nobreza cujos desejos D. Fernando é levado a acatar. A dependência do rei em relação a esta nobreza transpassa toda a Crônica. É um dos pontos chaves para entendermos os motivos da construção da imagem de D. Fernando por Fernão Lopes. Lembremo-nos de que o contexto de produção da crônica é a Regência do Infante D. Pedro, momento que marca o recrudescimento das disputas entre a monarquia e a nobreza. Esta se opondo ao modelo centralizador levado a cabo pela dinastia de Avis, buscando constantemente re-instaurar o modelo senhorialista que vigorara durante a idade média e lhe conferia maior autonomia e poder.

D. fernando também aparece como ardiloso (CDF: 154-155)⁷. Fernão Lopes associa constantemente esses elementos à ação da nobreza. Durante a obra do cronista é possível notar uma imbricada rede de artimanhas no seio das complicadas relações de poder que envolvem a nobreza. Dentro da Crônica de D. Fernando talvez os exemplos mais patentes disto seriam o assassinato da irmã da rainha, D. Maria, e a prisão do Mestre de Avis, D. João I, a mando de D. Leonor Teles. Em oposição a este universo complexo Fernão Lopes coloca os ditos “populares”, ou seja, a população urbana, que é caracterizada como sincera e descomplicada, como no caso do alfaiate Fernão Vasquez (CDF, cap. 60).

Neste episódio aparece outra característica criada por Fernão Lopes. D. Fernando seria temeroso de seu povo (CDF: 163-164). Este dado apontado por Fernão Lopes como característica de D. Fernando está também ligado diretamente ao momento em que a Crônica está sendo escrita. O cronista cria uma relação direta entre o mau governo do rei e seu afastamento do povo. Podemos ver isto na oposição entre as atuações de D. Fernando, que teme o povo e se afasta do mesmo, e de D. Pedro I e D. João I, de Avis, o primeiro que,

⁵ Ou perfil do monarca, desde que o termo não se confunda com aquele perfil que Fernão Lopes constrói a partir da intersecção de todos os dados, que aqui apresentamos como dados distintos, mas que aparecem emaranhados na narrativa lopeana.

⁶ Ver também capítulos 45, 64, 93, entre outros.

⁷ Ver também capítulo 115.

segundo o cronista, gostava de sair travestido de popular e festejar com os habitantes das cidades, e o segundo, que aparece numa relação de contato direto com a população citadina, aparente desde o cerco de Lisboa.

Essa relação entre a Casa régia e a população urbana perdura na dinastia de Avis, como marca e herança do reinado de D. João I, seu fundador, até a crise de Alfarrobeira. Os principais braços de apoios à Casa de Avis eram os Concelhos municipais. Estes conferiam uma base de sustentação ao rei que lhe possibilitavam levar a cabo um projeto centralizador, confrontando os interesses senhorialistas da nobreza. Fernão Lopes, funcionário a serviço da dinastia de Avis e partícipe do contexto conturbado da regência do Infante D. Pedro, cria então essa associação entre a proximidade do rei aos interesses do povo, e a sua justiça e legitimidade.

Ainda em oposição à imagem do rei justo, Fernão Lopes traça um perfil em D. Fernando, como sendo o rei desonrado (CDF: 192)⁸. Quando lemos Fernão Lopes criando uma imagem do rei ligada a práticas desonrosas, notamos que a intenção do cronista é mostrar o afastamento do rei da idéia de justiça, ou de rei justo. Honra e justiça são virtudes que caminham juntas durante o medievo, e são também virtudes que o bom cavaleiro deve apresentar. Os romances de cavalaria, que traziam esses modelos de conduta, estavam em voga nos meios letrados e das cortes europeias no século XV. É de se supor que Fernão Lopes tivesse acesso a esta literatura e tenha sido influenciado por ela, no que tange a uma moral cavaleiresca.

Atingimos assim um elemento chave para entendermos a construção de Fernão Lopes acerca da imagem do rei nas suas três Crônicas. A justiça é esse elemento crucial que transpassa toda a produção lopeana. E é no prólogo da Crônica de D. Pedro I – que poderia ser considerado um prólogo ao conjunto das crônicas – que Lopes nos apresenta seu conceito de justiça, associado ao bom governo. O cronista inicia o prólogo da Crônica de D. Pedro I escrevendo:

Leixados os modos e diffinições da justiça, [...] Esta virtude he muy neçessaria ao Rei e isso meesmo aos seus sogeitos, por que avemdo no Rei virtude de justiça, fará leis per que todos vivam dereitamente e em paz. [...] Outra razom por que a justiça he muito neçessaria ao Rei assi he por que a justiça nom tam soamente afremosenta os Reis de virtude corporal mas ainda spiritual, pois quanto a fremusura do spiritu tem vantagem da do corpo: tanta a justiça em no Rei he mais neçessaria que outra fremusura. (CDP: 3-5. Grifo meu).

⁸ Ver também capítulos 83, 126, entre outros.

Encontramos então no próprio Fernão Lopes, através destes trechos, uma possível resposta para alguns dos questionamentos que nos colocamos durante esta pesquisa. O cronista amarra sua narrativa em torno do tema da justiça, pois a justiça é que confere a legitimidade ao rei.

D. Fernando, de acordo com o que Fernão Lopes escreve, “Amava a justiça” (CDF: 3) ao começo de seu reinado. Tal dado encontra-se bem próximo à descrição da formosura do rei, e na medida em que D. Fernando afasta-se da justiça, deixa também a formosura. O rei ao final do seu reinado aparece como doente e injusto, perdendo dessa maneira o elemento principal que legitimava a sua ação à frente do reino.

Retomemos pois os dados referentes ao contexto de produção desta obra. Quando pensamos em crises políticas nas monarquias medievais, poderíamos citar três os tipos de abalos mais profundos ao reino: a usurpação; a crise dinástica; e os períodos de regência. Estas instabilidades, segundo Walter Ullmann, advêm principalmente da quebra do pacto da “paz do rei”, havendo aí uma espécie de brecha moral para que as tensões entre os diversos agentes do poder se transformassem muitas vezes em disputas abertas, muitas vezes bélicas.

A monarquia estabelecida sob a dinastia de Avis apresentava um plano de ação governativa no sentido da centralização do poder nas mãos do monarca. Fora assim com D. João I e D. Duarte. Com a morte deste último rei, assume o trono o conde D. Pedro, em caráter regencial, em vistas da reduzida idade do herdeiro de D. Duarte, D. Afonso. É nesse momento que as tensões surgidas no processo de centralização régia tornar-se-ão uma luta aberta pelo poder. Será a luta de um projeto de retorno ao modelo senhorialista, marcadamente medieval, levado a cabo pela nobreza portuguesa, contra o projeto centralizador da casa régia, que se apóia principalmente nos Concelhos, e aponta já para o surgimento da modernidade em Portugal.

A Crônica surge então em meio a um contexto de reformulação dos poderes em Portugal. Esse momento refletirá na narrativa de Fernão Lopes, que enfatiza as ações da monarquia e dos Concelhos – estes muitas vezes interpretados como o “povo” – em detrimento das ações da nobreza cujas ações são vistas muitas vezes como prejudiciais para o conjunto do reino. Segundo Marcella Lopes Guimarães esta intencionalidade presente no texto de Fernão Lopes não se trata de uma premeditação da narrativa a ser construída a respeito da monarquia portuguesa. O discurso lopeano surge desta maneira, pois “*o poder cria a verdade*, e, portanto, a sua legitimação”. (GUIMARÃES, 2004: 76. Grifo meu)

Que verdades eram estas? Este questionamento nos leva novamente ao início dessa discussão, ou seja, à crença de que D. Fernando foi um mal rei. Quero ressaltar novamente

aqui um elemento que ficou bastante explícito durante a exposição dos dados extraídos da Crônica em relação ao perfil do rei. São dados antagônicos. Eles mostram duas realidades. Dois reis. Criação ligada à imagem que de D. Fernando se tinha durante a regência da Casa de Avis no trono português. Era a verdade que aquele espaço de poder criara.

Considerações finais:

A imagem de D. Fernando enquanto rei Formoso perdura na historiografia. A imagem que dele traçou Fernão Lopes é em grande medida a responsável por este fato. O que tentamos brevemente neste trabalho analisar foi, mais do que a mera descrição que o cronista faz do rei português, os motivos pelos quais essa construção se efetivou. Para tanto foi preciso conhecer profundamente o reinado de D. Fernando, bem como o contexto de produção da obra e a vida de seu autor.

O reinado de D. Fernando deu-se em um momento bastante difícil para a coroa portuguesa e todo o contexto ibérico. A Guerra dos Cem Anos atingia a Península criando divisões dentro daquele espaço. Já durante o reinado de D. Pedro é possível observar uma constante preocupação do rei no sentido de garantir a autonomia de Portugal frente às pretensões castelhanas, criando um modelo de centralização régia. D. Fernando, buscando dar continuidade a este projeto centralizador associou-se à nobreza exilada castelhana, pois esta, carente de benefícios régios para estabelecer-se em Portugal, mostrava-se como uma boa base de apoio à ação do monarca, frente à nobreza tradicional portuguesa, senhorialista.

Infeliz em sua decisão, entretanto, essa associação entre a casa régia portuguesa e a nobreza castelhana, representada pela união matrimonial entre D. Fernando e D. Leonor Teles, lançou o reino em conflito com seu vizinho em virtude das pretensões desta nobreza no reino castelhano. Ao fim de seu reinado D. Fernando ainda deixou um trono vacante, e com isso uma ameaça à autonomia portuguesa, uma vez que a coroa era reclamada pelo rei castelhano.

Quando mais tarde Fernão Lopes escreveu as suas Crônicas o contexto em que estava inserido o influenciou a destacar estes fatos no reinado de D. Fernando. A Crônica não é capaz de apresentar um relato da totalidade dos feitos do rei, nem é essa sua intenção. Neste sentido a obra é construída, e enquanto construção é premeditada e cria uma imagem intencional do rei. O tom da obra é determinado pelo contexto em que a obra é produzida.

O cronista se propõe a compor a sua obra em resposta a uma encomenda, feita pela dinastia de Avis. Esta que sucedera à dinastia a que D. Fernando pertencia. Avis ainda apresentava dificuldades de legitimação na Coroa portuguesa, principalmente por sua política centralizadora, apoiada principalmente nos Concelhos e municipalidades, sofrendo fortes

resistências da nobreza tradicional portuguesa, que pretendia recuperar seu poder através de uma política senhorialista. A constante ameaça desse projeto senhorialista marca o contexto de produção da Crônica.

As Crônicas dos reis de Portugal aparecem como uma das estratégias da monarquia, através da pena de Fernão Lopes, de afirmação de sua posição à frente do reino. É a Casa de Avis que necessita criar um perfil do rei D. Fernando que associe seu mau governo, à crise do interregno e sua ligação à nobreza, ou seja, a fuga a um determinado modelo de rei, e Fernão Lopes é o responsável por tal tarefa.

Fontes:

LOPES, Fernão. *Crónica do senhor rei Dom Fernando nono rei destes regnos*. Porto: Livraria Civilização. 1979.

_____. *Crónica do senhor rei Dom Pedro oitavo rei destes regnos*. Porto: Livraria Civilização. 1979.

Referências Bibliográficas:

FERNANDES, Fátima R. O poder na Baixa Idade Média portuguesa. *Atas da IV /semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais – FAPERJ, p. 34-40. 2001.

_____. *Sociedade e poder na Baixa Idade Média Portuguesa: dos Azevedo aos Vilhena: as famílias da nobreza medieval portuguesa*. Curitiba: EDUFPR, 2003.

_____ e FRIGHETTO, Renan. *Cultura e poder na Península Ibérica*. Curitiba: Juruá. 2001.

GUIMARÃES, Marcella L. *Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV): O espelho do rei: “- Decifra-me e te devoro”*. Curitiba, 2004. 275 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC; trad. José Macedo, 2005.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *Nova História de Portugal*. Vol. IV: Portugal na crise dos séculos XIV e XV. [s.l.]: Presença. [s.d.].

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães & Cia. 1977.

MONTEIRO, João Gouveia. *Fernão Lopes: texto e contexto*. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

PERES, Damião. *História de Portugal*. Barcelos. Editora Portucalense, v. 2, 1929.

SERRAO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: Estado Pátria e Nação (1080-1415)*. Lisboa. Editorial verbo, v. 1, 1977.

SOUSA, Armindo de. A monarquia feudal (1096-1480). In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Lisboa. Editorial Estampa, v. 2, 1993.

ULLMANN, Walter. *Principios de gobierno y política em la Edad Media*. Madrid: Alianza. 1985.